

O HOMEM DO SUBSOLO: NILISMO E RELIGIÃO EM DOSTOIÉVSKI

THE UNDERGROUND MAN: NIHILISM AND RELIGION IN DOSTOYEVSKY

*Cassiano Clemente Russo do Amaral*¹

Resumo: Este artigo pretende mostrar como é possível superar a condição do subsolo, expressa na novela *Memórias do Subsolo*, de Fiodór Dostoiévski, por meio de uma análise da configuração do personagem do subsolo visando entender como, enquanto representação de uma determinada ideia negativa de mundo, essa figura pode ser suplantada pela visão de mundo religiosa, mais especificamente a visão de Dostoiévski, tendo como base a compreensão do autor acerca da religião e de seu papel em relação ao homem entregue a si mesmo, sem Deus, em estado de puro niilismo.

Palavras-chave: Dostoiévski. Niilismo. Religião. Homem do subsolo.

Abstract: This article aims to show how to overcome the condition of the underground, expressed in Notes from Underground novel, by Fyodor Dostoyevsky, through an analysis of the underground character configuration in order to understand how, as Representation of a certain negative idea world, this figure can be supplanted by religious worldview, specifically Dostoevsky's view, based on the understanding of the author about religion and its role in relation to man left to himself, without God, in pure state nihilism.

Keywords: Dostoyevsky. Nihilism. Religion. Underground man.

* * *

1. Caracterização do homem do subsolo

O ressentimento

Tendo em vista que o nosso problema é tentar pensar uma saída para o registro negativo do personagem², começemos pelo que pode ser considerado uma das marcas negativas do homem do subsolo: O ressentimento. Segundo René Girard, Nietzsche, ao ler as *Memórias do Subsolo*, “reconheceu nelas uma descrição magistral daquilo que ele próprio chama de *ressentimento*” (GIRARD, 2011, p. 94). Segundo Oswaldo Giacóia

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: cassiano.russo155@gmail.com

² A caracterização do personagem tem como objetivo demarcar os traços negativos do homem do subsolo para pensarmos uma possível saída deste horizonte, o qual deve se dar mediante a abordagem do modo como Dostoiévski compreende a religiosidade.

(2006, p. 83): “o tipo ressentido [...] é aquele que sofre de disfunção em sua capacidade de descarga psíquica, não podendo desembaraçar-se de impressões vividas, em especial das vivências de desprazer”. A legitimidade dessa característica pode ser atestada ao longo da novela de Dostoiévski, uma vez que o homem do subsolo relata algumas desventuras por ele vividas, como no caso do encontro com seus ex-colegas de escola, com seu desfecho infeliz para o personagem. Vale notar que o personagem a todo momento está a remoer suas experiências, como se possuísse uma consciência requintada, ainda em se tratando do fato de o homem do subsolo ser um homem culto, inteligente, conforme afirma na primeira parte de seu relato. Para Giacóia (2006, p. 90), “o homem culto padece a enfermidade de sua consciência requintada. Essa enfermidade o torna impotente para o que quer que seja”. Nas palavras do personagem: “Com efeito, o resultado direto e legal da consciência é a inércia, isto é, o ato de ficar conscientemente sentado de braços cruzados” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 29). Essa característica é própria daqueles a quem falta a ação efetiva, restando-lhes apenas agir como um ratinho. E este ratinho, “confinado por si mesmo ao seu buraco, é o homem do subsolo, que se põe a registrar suas memórias” (GIACÓIA, 2006, p. 92). Diz o homem do subsolo:

Tenho vontade de vos contar, senhores, queirais ouvi-lo ou não, por que não consegui tornar-me sequer um inseto. Vou dizer-vos solenemente que, muitas vezes, quis tornar-me um inseto. Mas nem disso fui digno. Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove [...]. Seria de todo suficiente, por exemplo, a consciência com que vivem todos os chamados homens diretos e de ação. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 18).

Como é possível notar no parágrafo acima, o personagem do subsolo comenta que uma consciência muito perspicaz é uma doença, que seria suficiente a consciência com que vivem os homens diretos e de ação – supostamente, os seus interlocutores imaginários -, os quais, sem o saber, também entram na categoria do tipo subterrâneo, pois este último se constitui em uma “*reductio ad absurdum* [...] do homens de ação” (FRANK, 2002, p. 444), pois, conforme a sua afirmação, ele apenas levou “até o extremo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 146) o que os seus interlocutores não ousaram levar “[...] até a metade sequer.” (DOSTOIEVSKI, 2000, p. 146). Daí a afirmação de Giacóia, segundo a qual o homem culto do século XIX – como o personagem de

Dostoiévski – é um ente abstrato, “diretamente deduzido do plano das Ideias, como que destilado de um alambique” (GIACÓIA, 2002, p. 90), sendo incapaz de “agir de modo espontâneo, já que está condenado, por seus escrúpulos de consciência, a desdobrar a série infinita dos motivos e causas [...] de todo agir.” (GIACÓIA, 2002, p. 90), restando-lhe apenas ficar sentado de braços cruzados em seu canto, ruminado as suas vivências sem conseguir digeri-las.

A doença

Em conformidade com a afirmação de Homero Silveira, de que as obras de Dostoiévski versam sobre todas as misérias, de um “sem número de homens subterrâneos” (SILVEIRA, 1970, p. 4), mais particularmente no que se refere aos “tipos enfermos” (SILVEIRA, 1970, p. 4), é notável como o tema da doença aparece logo nas primeiras palavras do personagem do subsolo, ao se reconhecer como alguém que sofre do fígado e, ao mesmo tempo, não sabe ao certo do que padece. Em linguagem nietzscheana³, podemos conceber – em termos aproximativos – a doença deste personagem como característica de uma época em que o homem é tido como um fraco, pois nele não vibram mais as “forças vitais autênticas” (GIACÓIA, 2001, p. 89), mas apenas a condição fisiológica de uma extrema debilidade proveniente de um organismo marcado pelo “exagero, a desproporção, a desarmonia” (NIETZSCHE, 2008, p. 47) que constituem um estado “doentio” (NIETZSCHE, 2008, p. 47). , como na passagem seguinte à afirmação de sua condição enferma, quando o homem do subsolo constata a existência de muitos estados contrários dentro de si mesmo, a ponto de o personagem chafurdar na imundice justamente nos momentos em que melhor aprecia todas as sutilezas do belo e do sublime.

Digam-me o seguinte: por que me acontecia, como se fosse de propósito, naqueles momentos – sim, exatamente naqueles momentos em que eu era capaz de melhor apreciar todas as sutilezas do ‘belo e do sublime’, como outrora se dizia entre nós -, por que me acontecia não apenas conceber, mas realizar atos tão feios, atos que...bem, numa palavra, atos como os que todos talvez cometam, mas que, como se fosse de propósito, me ocorriam exatamente nos momentos em que eu

³ Todas as referências a Nietzsche neste trabalho têm como função explicitar, por meio do referencial do filósofo, uma caracterização do herói do subsolo. Embora este artigo não se constitua como uma interpretação nietzscheana de Dostoiévski, ainda assim, a interpretação nietzscheana desempenha uma função importante na constituição dos esquemas interpretativos, na medida em que permite pensar o herói do subsolo a partir do problema do ressentimento.

mais nitidamente percebia que de modo algum devia cometê-los? Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é ‘belo e sublime’, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo. Porém o traço principal estava em que tudo isso parecia ocorrer-me não como que por acaso, mas como algo que tinha que ser. Dir-se-ia que este era meu estado normal... (Dostoiévski, 2000, p. 19).

*O duplo*⁴

Segundo Girard (2011, p. 56): “o tema do duplo se encontra presente em todas as obras de Dostoiévski”. E isso vem a calhar para a passagem sobredita, pois, segundo Girard (2011, p. 84-85):

O romântico não reconhece suas próprias duplicações e, dessa forma, as agrava. Ele quer acreditar que é perfeitamente um. Então elege uma das duas metades de seu ser...e esforça-se para fazer dessa metade sua totalidade. O orgulho busca provar que pode reunir e unificar todo o real em torno de si.

Levando-se em conta o que Girard (2011, p. 90) chama de “dialética do orgulho e da humilhação” do personagem do subsolo – caracterizado por ele como romântico, entenda-se o “homem do subsolo” –, é perceptível esse movimento de negação de suas próprias duplicações, em que o orgulho busca unificar o real, não obstante o agravamento das duplicações pelo fato de não serem reconhecidas pelo personagem, como no caso do belo e do sublime. Segundo Girard (2011, p. 84):

O herói nos informa que cultivou durante toda a vida ‘o belo e o sublime’. Ele admira com paixão os grandes escritores românticos. Porém, é um bálsamo envenenado que tais seres excepcionais vertem sobre suas feridas psicológicas. Os grandes arrebatamentos líricos desviam do real sem serem realmente libertadores, pois as ambições que despertam são definitiva e terrivelmente mundanas. A vítima do romantismo torna-se cada vez mais inapta à vida, sempre exigindo desta última elementos crescentemente exorbitantes. [...] O dilaceramento entre o ‘ideal’ e a realidade sórdida é agravado. Depois de sentir-se um anjo, o herói do subsolo sente-se uma besta. As duplicações se multiplicam.

Assim, o fenômeno do duplo comporta uma “dimensão subjetiva e uma dimensão objetiva” (GIRARD, 2011, p. 81). Neste registro, o homem do subsolo é cada

⁴ A referência ao conceito do duplo tem a função de delimitar o tema do subsolo.

vez mais inapto à vida, devido a essa rachadura em seu ser. Em linguagem nietzscheana, é possível dizer que, do ponto de vista fisiológico⁵, o problema de conservação de forças, ou vontade de poder⁶, está ligado à pobreza vital do herói, um agoniado, o qual leva a razão ao paroxismo⁷. Deste modo, o paroxismo do herói da novela nos revela, segundo a concepção nietzscheana, um movimento de declínio, de *décadence*⁸, do personagem em seus devaneios progressivamente distantes da realidade, frutos de sua cisão entre a objetividade e sua subjetividade, a ponto de, quando o personagem saía dos seus momentos do belo e do sublime, mais chafurdava na lama.

A existência de estados interiores contraditórios ocorria como estado normal, em um homem marcado pela doença, pela “oscilação e a falta de peso”, características de uma “vontade fraca”, em que a multiplicidade e a desagregação dos impulsos constituíam uma natureza débil, marcada pelo declínio, a degeneração, – a “debilidade da vontade” –, como o modo de ser de um tipo decadente que busca o antídoto para a *décadence* na experiência estética do belo e do sublime, como o seu refresco, o seu método de cura, contra a própria degeneração. Segundo Nietzsche, os métodos de cura⁹ “não modificam o curso da *décadence* [...] são fisiologicamente *nulos*.” (NIETZSCHE, 2008, p. 45). Daí o niilismo¹⁰ ser, em sua forma passiva, um sinal de fraqueza¹¹.

⁵ A referência ao termo fisiológico deve remeter, neste trabalho, aos processos fisiológicos, que, para Nietzsche, são interpretados como “[...] luta de *quanta* de potência que ‘interpretam’ (MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 22).

⁶ Este trabalho parte da seguinte compreensão do conceito de vontade de poder em Nietzsche, segundo a exposição de Müller-Lauter: “A vontade de poder é a multiplicidade das forças em combate umas com as outras. Também da força, no sentido de Nietzsche, só podemos falar em unidade em sentido de organização” (Müller-Lauter, 1997, p. 74). Deste modo, “o mundo de que fala Nietzsche revela-se como jogo e contrajogo de forças ou de vontades de poder. Se ponderamos, de início, que essas aglomerações [...] de poder ininterruptamente aumentam e diminuem, então só se pode falar de *unidades* continuamente mutáveis, não porém da *unidade*. Unidade é sempre apenas organização, sob a ascendência, a curto prazo, de vontades de poder dominantes.” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 75).

⁷ Segundo Luiz Felipe Pondé: “O personagem das *Memórias*, que não tem nome, Raskólnikov e Ivan Karamázov [...] formam uma espécie de trilogia dos agoniados na obra de Dostoiévski; agoniados por conta do exercício da razão levado ao paroxismo” (PONDÉ, 2013, p. 230). Ainda sobre este ponto, conferir Nietzsche (2009, p.32).

⁸ Nietzsche utiliza o termo *Décadence* como expressão de declínio, degeneração de uma dada organização de forças ou vontades de poder.

⁹ Como já citamos anteriormente, Nietzsche é utilizado neste artigo como ferramenta interpretativa, o que não implica que seguimos à risca certas passagens de suas afirmações, como no que diz respeito aos métodos de cura, pois pretendemos, a partir da constatação da decadência niilista do personagem, dar um outro enfoque para o personagem do subsolo, buscando na ortodoxia um possível caminho de superação para o lodaçal próprio do subterrâneo.

¹⁰ Neste contexto, o niilismo é ambíguo, podendo ser, ora um sinal de poder incrementado do espírito: como niilismo ativo; ora, de decadência e recuo do poder do espírito: como niilismo passivo. No primeiro caso, ele pode ser “um sinal de *fortaleza*: a força do espírito pode ter crescido tanto que os fins de *até* então (‘convicções’, artigos de fé) tornam-se inadequados.” (Nietzsche, 2008, p. 242). Nesta conotação, “o niilismo se radicaliza necessariamente na forma da vontade de destruir, de aniquilar e de ultrapassar o mundo dos valores arruinados” (ARALDI, 2004, p. 114). Daí a afirmação de Nietzsche, segundo a qual essa forma de niilismo alcança o seu máximo de força relativa como força violenta de

Todos os comentários desta introdução procuram delinear um conjunto de traços negativos do personagem, tendo em vista o problema da superação destas características mediante a religiosidade em Dostoiévski.

2. O niilismo em Dostoiévski

Segundo Luana Martins Golin (2012, p. 146), “o niilismo em Dostoiévski é um problema antropológico e teológico”, pois a substituição de Deus pelo indivíduo leva à ruína humana. E o “ser humano moderno acredita demais na razão e em suas ideias” (GOLIN, 2012, p. 145), o que é um problema para a ortodoxia cristã oriental, uma vez que a fé em si mesmo é um “[...] dos maiores pecados para a ortodoxia cristã” (GOLIN, 2012, p. 145). Essa fé em si mesmo, na razão, pode ser constatada no discurso subterrâneo, a ponto de a razão atingir o seu paroxismo, conforme o que foi exposto na introdução deste projeto. No entanto, conforme afirma Pascal (*apud* GOLIN, 2012, p. 59): “é o coração que sente Deus, e não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não à razão”. Eis o ponto de Dostoiévski e da teologia ortodoxa:

Para a fé ortodoxa, não existe separação entre a experiência e o racional, só é possível falar daquilo que se experimenta e se conhece. É por isso que a teologia ortodoxa passa a existir a partir da mística. Somente aquele que teve a experiência mística é capaz de produzir teologia, pois só quem conhece a Deus é capaz de falar acerca Dele. O conteúdo da mensagem religiosa não tem obrigação de estar em sincronia com a racionalidade humana ou com a ciência. A fuga do conceito é uma característica típica da ortodoxia. (GOLIN, 2012, p. 60).

Deste modo, o homem do subsolo, com sua supervalorização da razão, é uma das figuras desse racionalismo moderno, com sua consciência hipertrofiada que o

destruição. Em contrapartida, o niilismo passivo se caracteriza pelo cansaço, pelo enfraquecimento do poder de ataque. Trata-se de uma natureza na qual predomina a dissolução de uma determinada constituição hierárquica.

¹¹ Aqui discordamos da interpretação de Pondé, que opera uma distinção entre niilismo e maldade, afirmando que o homem do subsolo é mau, e não niilista. Preferimos, neste trabalho, manter uma leitura nietzschiana, interpretando o personagem de Dostoiévski como um niilista em sua forma passiva, o que não significa, necessariamente, que o homem do subsolo não seja mau, apenas não operaremos, neste momento do projeto, esta distinção, pois o espaço para este problema não é suficiente neste trabalho. Segundo Boris Schnaiderman, em seu prefácio às *Memórias do Subsolo* da editora 34, o homem do subsolo é um niilista, no sentido de possuir um acúmulo de traços negativos, o que vem a corroborar nossa escolha por uma leitura nietzschiana do personagem.

conduz à inércia. Contra esse “egoísmo racional”¹², Dostoiévski nos apresenta, em sua novela, todas as consequências nefastas para o homem entregue somente à sua razão.

Segundo Frank (2002, p. 433), sobre o homem do subsolo:

[...] suas diatribes na primeira parte não derivam, como se pensou comumente, de sua rejeição da razão; ao contrário, resultam de sua aceitação de todas as implicações da razão [...] e, particularmente, de todas aquelas consequências que os advogados da razão, como Tchernichévski, optam jubilosamente por não considerar.

Assim, podemos compreender que Dostoiévski se volta contra uma determinada visão de mundo, na qual a tese do egoísmo racional é exposta através do personagem do subsolo. E aqui cabe ressaltar que o personagem subterrâneo não é uma simples figura literária, mas a encarnação de ideias¹³, pois, segundo Pareyson (2012, p. 33), as personagens de Dostoiévski “são ideias: ideias em movimento, ideias vivas, ideias personificadas”. Tendo em vista, portanto, que essas ideias possuem um sentido negativo, de destruição, nas quais a espiritualidade do homem se dissipa e se anula, é possível afirmar que o personagem do subsolo representa a imagem dostoiévskiana da ideia em seu sentido negativo, qual seja, o combate ao eterno, o não florescimento dos jardins de Deus, as tempestades de destruição¹⁴. Eis o niilismo do subsolo: o indivíduo

¹² Aqui discordamos da interpretação de Pondé, que opera uma distinção entre niilismo e maldade, afirmando que o homem do subsolo é mau, e não niilista. Preferimos, neste trabalho, manter uma leitura nietzschiana, interpretando o personagem de Dostoiévski como um niilista em sua forma passiva, o que não significa, necessariamente, que o homem do subsolo não seja mau, apenas não operaremos, neste momento do projeto, esta distinção, pois o espaço para este problema não é suficiente neste trabalho. Segundo Boris Schnaiderman, em seu prefácio às *Memórias do Subsolo* da editora 34, o homem do subsolo é um niilista, no sentido de possuir um acúmulo de traços negativos, o que vem a corroborar nossa escolha por uma leitura nietzschiana do personagem.

¹³ Segundo Pareyson (2012, p. 36): é “inútil procurar na obra de Dostoiévski uma definição do que se entende por ideia. Ele, mesmo sendo um filósofo profundo e original, não é um filósofo profissional e técnico: não fornece definições, nem delimita conceitos lógicos e unívocos. Imputar-lhe isso seria injusto, seja porque os conceitos unívocos e explícitos estão ligados aos sistemas filosóficos dos quais fazem parte, seja porque a definição não é o único modo de determinar um conteúdo de pensamento; e Dostoiévski, precisamente, não fornece um sistema filosófico completo e conceitual, mas, pelo contrário, abunda em intuições artísticas e em perspectivas profundas. Será mais oportuno tentar colher o significado do seu termo ideia buscando interpretar as imagens nas quais ele se propõe determiná-lo e configurá-lo”.

¹⁴ Deste modo, podemos compreender, senão conceitualmente as ideias, ao menos como imagens. “O fato é que o termo ‘ideia’ tem, para Dostoiévski, dois significados, nitidamente opostos entre si: no primeiro sentido, ideia é semente celeste, planta do jardim de Deus sobre a terra, a realidade transcendente presente no coração do homem; no segundo sentido, é produto do homem errante e decaído: nostalgia, anelo e presságio de verdade de certo modo, mas sob a forma da paródia, melhor, da deformação, melhor ainda, da traição; e, nesse sentido, sugestão demoníaca, mais do que inspiração divina. Há, portanto, uma distinção fundamental entre as ideias divinas e as ideias demoníacas. Essas últimas são ideias artificiais, que seria melhor chamar ‘ideologias’ mais do que ‘ideias: não pensamentos, mas ilusões; não inspirações, mas utopias; não verdades originárias e profundas, capazes de elevar um homem e de constituir todo o objetivo de sua vida, mas opiniões dispersas e dispersivas, nas quais a espiritualidade do homem se

levado à ruína, o afastamento de Deus por meio do culto à razão, a confiança em si mesmo.

Contra esse ambiente putrefato, contra o subsolo enquanto ideia negativa, é que se deve colocar a religião, mais especificamente a ortodoxia cristã, como a compreendia Dostoiévski.

A religião

Segundo Golin (2012, p. 67), para os personagens de Dostoiévski que se afastaram da esfera divina “só há aniquilamento e despedaçamento”, pois estes personagens não experimentam a verdadeira liberdade¹⁵, a qual consiste “no poder que o ser humano tem de se determinar ou escolher pelo bem ou por Deus” (GOLIN, 2012, p. 136). Esta liberdade, passível de ser realizada no mundo, só é possível com a graça de Deus, existindo, neste caso, uma relação diretamente proporcional entre graça e liberdade: “a medida da dependência de Deus é a medida da liberdade; quanto mais se depende de Deus pela graça, tanto mais se é livre” (GOLIN, 2012, p. 136). Neste aspecto, segundo Golin (2012, p. 136): “Dostoiévski é taxativo: fora de Deus ou de Cristo não há liberdade”.

Neste sentido, o personagem do subsolo encarna essa falta de liberdade de alguém entregue a ideias demoníacas¹⁶, artificiais, ilusões decorrentes de uma figura em um registro de um mundo sem Deus, onde o que resta é o eterno ruminar de uma natureza reativa, tomada pela dialética infernal da razão levada a suas últimas consequências. Como afirma Girard: “Dostoiévski desvela o elemento irracional que intervém na difusão de qualquer mensagem, mesmo que essa mensagem se mostre inteiramente racional” (GIRARD, 2011, p. 108).

Embora exista a pretensão, por parte de alguns, de ver no personagem uma espécie de elevação quando, na segunda parte da novela, ele se encontra com a jovem

dissipa e se anula: desejos de poder mascarados de filosofia, que não conhecem nada de eterno, e que, pelo contrário, combatem o eterno, tentando imitá-lo em vão [...] Onde essas ideias estão difundidas, os Jardins de Deus não florescem, mas estão desolados e devastados por tempestades de destruição”. (PAREYSON, 2012, p. 38-39).

¹⁵ Golin (2012, p. 136), ao citar a interpretação de Berdiaeff sobre a liberdade em Dostoiévski, afirma: “Berdiaeff identificou dois tipos de liberdade: a primeira ou inicial, liberdade essencial e sobrenatural, e a segunda ou final, liberdade que é realizada no mundo, em Cristo [...] O primeiro tipo de liberdade é a de escolher entre o bem e o mal. A liberdade concedida ao ser humano no Éden e que supõe a possibilidade do pecado. O segundo tipo seria a liberdade em Deus, no Seio do bem, passível de ser realizada no mundo”.

¹⁶ Conferir nota 14.

prostituta e tenta ajudá-la, ainda assim, o subsolo, enquanto lugar onde vive o ratinho miserável, ressentido e doente, volta à tona, como podemos verificar na passagem em que a prostituta Liza vai visitar o homem do subsolo em casa, e este, embora caia em seus braços, e fique por instantes enlaçado à jovem, sente vergonha de seu ato, deixando-a ir embora sem nada fazer para salvá-la de sua vida de meretriz. Isso ocorre porque o homem do subsolo é “incapaz de amar.” (MACEDO, 2014, p. 36).

Aqui cabe ressaltar que o personagem do subsolo inaugura um novo *topos* para a literatura: “o subterrâneo como ‘lugar retórico’ dos labirintos interiores.”(Pinto, 2000). Neste sentido, podemos ver o subsolo como uma espécie de metafísica a partir das Memórias, a ponto de Girard afirmar que personagens posteriores como Raskólnikov, de *Crime e Castigo*, representam uma “metafísica do subsolo”, sendo que Raskólnikov também “pertence ao subsolo” (GIRARD, 2011, p. 92).

Sem adentrar em uma discussão mais prolongada sobre o personagem subterrâneo derivação do homem do subsolo, Raskólnikov, cabe-nos dizer que é na figura deste último que o subsolo encontrará o seu caminho de redenção, pois, se nas Memórias há apenas a dialética seca, em *Crime e Castigo*, por sua vez, ocorre efetivamente o arrependimento de uma alma marcada por uma ideia diabólica, o assassinato, e sua redenção mediante o reconhecimento do evangelho como a verdade, a qual levará Raskólnikov a reconhecer o seu erro.

É nessa direção que este artigo pretende pensar a superação do homem do subsolo enquanto ideia negativa do homem distanciado de Deus, pois, segundo Vladímir Soloviov, Dostoiévski reconheceu apenas uma ideia como a mais importante e incondicionalmente necessária: “a ideia cristã da união livre de toda humanidade, da irmandade universal em nome de Cristo. Dostoiévski pregava essa ideia quando falava da verdadeira igreja, da ortodoxia universal” (SOLOVIOV, 2013, p. 524).

Referências

- ARBAN, D. *Dostoiévski*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- CHESTOV, L. *La Filosofía de la Tragedia: Dostoiévsky y Nietzsche*. Traducción de D. J. Volgeman. Buenos Aires: Emece Editores, 1949.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *Diário de um escritor*. Tradução de E. Jacy Monteiro. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

- _____. *Obra completa (4 volumes)*. Tradução de Natália Nunes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: As semente da revolta – 1821-1849*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *Dostoiévski: Os anos de provação – 1850-1859*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *Dostoiévski: Os efeitos da libertação – 1860-1865*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *Dostoiévski: Os anos milagrosos – 1865-1871*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *Dostoiévski: O manto do profeta – 1871-1881*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.
- GIACOIA JR., O. *Nietzsche como Psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.
- GIRARD, R. *A Crítica no Subsolo*. Tradução de Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GOLIN, L. M. *O Reino de Cristo e do Anticristo: Liberdade e autoridade em Dostoiévski*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- GROSSMAN, L. *Dostoiévski Artista*. Tradução de Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- MACEDO, H. O. *Os Ensinamentos da Loucura*. Tradução de Ivonne Benedetti. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MÜLLER-LAUTER, W. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução de Oswaldo Giacoia. São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- NABOKOV, V. *Lições de Literatura Russa*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- _____. *Fragmentos Póstumos. Volumen IV*. Traducción de Juan Luiz Vermal y Joan B. Llinares. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- PAREYSON, L. *Dostoiévski: Filosofia, romance e experiência religiosa*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Edusp, 2012.
- PESSANHA, R. G. *Dostoiévski: Ambiguidade e ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- PINTO, M. C. In: Dostoiévski, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- PONDÉ, L. F. *Crítica e Profecia: A filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: LeYa, 2013.
- ROSA, V. S. *Dostoiévski: Um cristão torturado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- SCHNAIDERMAN, B. *Dostoiévski: Prosa poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SILVEIRA, H. *Três Ensaios sobre Dostoiévski*. São Paulo: Martins, 1970.
- SOLOVIOV, V. Três discursos em memória de Dostoiévski. In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org). *Antologia do Pensamento Crítico Russo (1802-1901)*. Tradução de Cecília Rosas et all.. São Paulo: Editora 34, 2013.
- VASSOLER, V. S. (Org). *Dostoiévski e Bergman: O niilismo da modernidade*. São Paulo: Intermeios, 2012.